ARTIGOS ORIGINAIS

A INFLUÊNCIA DA PREVISÃO E DA ATITUDE SÔBRE O RENDIMENTO MENTAL

(Conferência apresentada a 19 de julho de 1955, em Assembléia plenária no XII Congresso da Associação Internacional de Psicotécnica, em Londres).

Trad. de RUTH MORENO

E. MIRA Y LOPEZ

Há mais de 30 anos, o professor CLAPARÈDE, um dos mais ilustres pioneiros da nossa Associação e também um dos mais brilhantes psicólogos do nosso século, ficou admirado da falta de correlação entre resultados obtidos por um grupo de adolescentes submetidos a uma experiência de reteste de uma bateria de "testes de aptidão". Em conseqüência recomendou precaução e prudência, quando se realizou a reunião Internacional de Psicotécnicos, pouco depois em Paris.

Tornou-se, daí por diante, rotina a exigência de um coeficiente elevado de fidelidade para qualquer teste a ser usado, como instrumento prático, no domínio da psicologia aplicada. Conseqüentemente, se o coeficiente de fidelidade é baixo, o teste é rejeitado "ipso facto"; isto explica que os autores de baterias utilizem a inteligência mais para obter fortes correlações do que para criá-las ou criticá-las.

Mas, o fato é que, quando um grupo de indivíduos normais é submetido, horas ou anos depois, a um reteste, os resultados obtidos diferem não sòmente dos da experiência inicial, como são susceptíveis de modificar a classificação dos indivíduos dentro do grupo.

Um outro ilustre fundador da nossa Associação, o Professor W. STERN, estudou êsse problema e explicou tais diferenças por uma mudança de atitude individual, isto é a atitude do sujeito na segunda aplicação do teste. Por esta e outras razões, propôs na Quarta Conferência Internacional em Paris, que todos os testes de aptidões específicas, assim como os testes gerais de inteligência, fôssem completados por uma bateria de novos testes de "personalidade". E, eis aqui o mais importante: o Professor STERN propôs, também, que no julgamento final das capacidades individuais, os resultados de tôdas as avaliações não fôssem meramente adicionados ou subtraídos, mas *ponderados, combinados e integrados*. Tal sugestão foi aceita e aprovada pelo Primeiro Seminário de Psicologia Aplicada organizado êste ano pelos psicólogos da América Latina, no Rio de Janeiro e S. Paulo.

Por mais de 25 anos estamos enfrentando o problema de descobrir

as capacidades individuais, mergulhando o indivíduo numa situação de teste. Sabemos que a intensidade da motivação dada pelas instruções, não atua igualmente sôbre tôdas as pessoas; sabemos, também, que não podemos esperar resultados equivalentes, utilizando o mesmo indivíduo, para uma nova aplicação com o mesmo teste ou com alguns outros. Esperamos, porém, que através de elaborações estatísticas, possamos equacionar todos os fatôres significativos dêsse indivíduo, o que deve permitir uma previsão sôbre o seu rendimento mental futuro. O mal está em que o número de processos publicados, tratando do problema, supera em muito o número de pesquisas objetivas que se baseiam nas opiniões daqueles que foram utilizados simplesmente como material humano, "cobaia", ou se preferis, "Propositus" para os nossos trabalhos. Infelizmente, quando consultamos tais opiniões, encontramos sempre uma proporção significativa de sujeitos descontentes com o processamento geral de provas. Êsses indivíduos *afirmam que o que desejavam, temiam, acreditavam ou se propunham a fazer, no momento da execução dos testes, não era exatamente aquilo que desejávamos ou esperávamos dêles, segundo as instruções dadas.* Se lembrarmos os resultados obtidos pelo Professor MARBE no seu laboratório de Wurzburg, com seu processo de retrointrospecção, podemos admitir que tais pessoas são sinceras em suas objeções. E como poderemos corrigir ou compensar tais fontes de erros, se êsses fatôres de divergência podem, também, agir nos testes de caráter e personalidade?

Todos estais lembrados que, quando um núcleo de psicólogos americanos experimentou o Rorschach, o TAT, e alguns outros dêsses testes em um grupo de estudantes, aplicando a primeira parte dos mesmos durante o trabalho da manhã na Faculdade e a segunda durante uma noitada num Clube Noturno, foi impossível combinar as duas partes dos psicogramas. A atitude mental, a estrutura do pensamento, o "campo fenomenal", eram diferentes, modificando assim as respostas dos indivíduos. Evidentemente, a fim de conseguir dêles a mesma — ou quase a mesma — atitude mantida durante a experiência da manhã, a motivação e as instruções deveriam ter sido modificadas. Mas, *não modificar as instruções é uma regra sagrada no método dos testes.*

Pràticamente a metade do mundo condenou, atualmente, a utilização dos testes mentais (para fins práticos). Pertencemos nós a outra metade que insiste sôbre a necessidade de utilizá-los, constantemente, mas devemos nos apressar em conseguir mais informações objetivas sôbre o valor exato da interferência da atitude mental sôbre o rendimento mental, ou em outros têrmos a influência que a *atitude* tem sôbre a *aptidão.*

Eis porque supomos ser interessante resumir aqui alguns resultados pessoais obtidos em nosso trabalho experimental acêrca dêsse assunto. Antes, porém, de abordar a essência desta pesquisa, desejamos lembrar-vos algumas experiências e conceitos anteriores que vos hão de ajudar a compreender esta exposição.

Todos nós sabemos que o Homem é um animal histórico que vive mergulhado mais no tempo que no espaço. Sua capacidade de "fazer a história", resulta da combinação de teimosia e flexibilidade, de ambição e de prudência, de conseguir

o alvo e fugir aos obstáculos. Ninguém é capaz de prever onde e quando um homem atingirá a aceitação de suas falhas ou recomeçará sua luta pelo êxito. Mas um fato se torna evidente: no momento em que o homem estabelece sua linha de ação, a influência que o mundo exterior exerce sôbre êle, é menor que a influência do seu mundo interior — construído no decorrer virtual do tempo. É certo que o instante presente nada significa comparado ao espaço enorme coberto pelo acêrvo das experiências do passado e pelo pêso virtual dos anseios e temores do futuro.

Sob a impulsão dos analistas, os psicólogos, mesmo os mais prudentes, se interessam mais que outrora pela investigação das experiências anteriores do Homem, porém, até há pouco tempo, o estudo da "zona de antecipação" da personalidade humana tem sido negligenciada (1930). HOPPE, em sua obra "Erfolg und Misserfolg" (Triunfo e Fracasso), introduziu o conceito de "nível de aspiração" que foi imediatamente adotado pela "Psicologia dinâmica".

Dois anos mais tarde, isto é, em 1932, HANS KELLER publicava sua interessante obra: "Psicologia da consciência do futuro" e efetuou um certo número de investigações no sentido de provar que a "consciência do futuro" varia enormemente de um indivíduo a outro e tem influência preponderante sôbre o comportamento individual. Comentando o trabalho de KELLER, nosso saudoso presidente do Congresso de Estocolmo, Professor KATZ, dizia: "Em geral a consciência do futuro tem despertado pouca atenção da psicologia em comparação com a que se dispensa à memória e a tudo que nela está integrado. Não nos apercebemos até que ponto nossas ações são contìnuamente influenciadas por nossa concepção do futuro."

Quase simultâneamente o Professor KATZ expôs algumas experiências relacionadas com êsse assunto, quando tentou determinar aquilo que chamava "a margem individual de segurança". Por exemplo, perguntou a 61 de seus alunos se imaginavam viver no ano 2000; 31 responderam — sim; 22 responderam — não; 8 não puderam achar resposta. Estas e outras experiências foram comentadas no seu discurso presidencial em Estocolmo; isso foi mais que suficiente para convencer qualquer um que as diferenças desta margem de segurança estão estritamente em correlação com as diferenças de "estado de preparação", e elas por sua vez, dependendo estreitamente das diferenças na previsão do futuro.

Num livro publicado êste ano, ROBAYE introduz um novo conceito: "O nível de expectativa" que terá, certamente, larga aceitação. No seu trabalho com NYPELSEER, êle o definiu assim: "O nível de aspiração é pràticamente o ideal do eu, isto é, o nível de realização que o indivíduo espera atingir em um prazo mais ou menos longo nos aspectos que abrangem o próprio curso da vida. O nível de expectativa é o grau de êxito que o indivíduo espera obter em uma determinada tarefa que lhe seja no momento apresentada."

Em outros têrmos: "O nível de aspiração pode ser identificado com o nível de ambição ou pretensão geral, ao passo que o nível de expectativa corresponde às convicções e intenções imediatas, isto é: o que o indivíduo pensa que realizará obterá num futuro imediato." ROBAYE e NYPELSEER servem-se dessas noções para validar experimentalmente certos índices do teste de

Rorschach, e mostraram que a diferença entre o nível de aspiração e o nível de expectativa no próprio sujeito, não sòmente perturba seu modo de reação ao teste, mas determina, também os traços fundamentais de seu comportamento geral.

Por outro lado, são conhecidas experiências similares feitas pelo professor EYSENCK com o "Triple — Test" e o "Punch Test". Se bem que êle tenha usado outra abordagem (pela obtenção da "nota de distância afetiva", o índice de flexibilidade e o índice de conveniência) e uma outra categoria de sujeitos (um grupo de distímicos e um grupo de histéricos), EYSENCK encontrou diferenças significativas não sòmente no rendimento, mas também, no julgamento e no nível de aspiração: O grupo de distímicos fixava muito alto seu nível de aspiração, permanecia muitas vêzes firme na sua realização e tendia a subestimar os seus resultados; o grupo de histéricos se comportava mais de acôrdo com a realidade: seu desequilíbrio afetivo era baixo, seu índice de conveniência era satisfatório, e por assim dizer, era "flexível" ao passo que o do grupo dos distímicos era "rígido". Ao nos recordarmos que os distímicos de EYSENCK devem ser considerados, — sob o ângulo psiquiátrico — como "esquizotímicos", e os histéricos, como "ciclotímicos" no sentido de KRETSCHMER, não há pois, nada de novo nessas conclusões, a não ser o método pelo qual foram obtidas. Para nós, em todo caso, tais experiências dão um brilhante apoio à tese da influência do tipo de personalidade sôbre a atitude mental do indivíduo em face de uma situação de teste.

E agora podemos chegar à nossa contribuição a êste problema: A primeira de nossas experiências foi começada em 1930, quando introduzimos no exame habitual dos candidatos um questionário a que chamamos "Questionário de antecipação" (Cuestionario prospectivo), contendo vinte questões relativas ao porvir dos indivíduos. Êstes sujeitos deveriam prever — por suposições ou raciocínios — como pensavam viver uma semana, um mês, um ano e dez anos, a partir do momento em que respondiam ao questionário. Os principais itens referiam-se a uma avaliação, pelo sujeito, de sua saúde futura, seu trabalho, suas posses, seu prestígio social, sua felicidade familiar e a paz interior de seu espírito.

A pesquisa foi intensificada de 1933 a 1936, utilizando as vantagens de nossa cadeira de Psiquiatria da Universidade de Barcelona, e publicamos em 1937 nossas primeiras impressões baseadas em mais de quinhentos casos seguidos durante um período de mais de dois anos. Ficamos surpresos da precisão com que alguns de nossos observados podiam prever o futuro sob certos aspectos de sua vida, ao passo que se enganavam completamente a respeito de outros. Até agora reunimos muitos outros casos, inéditos, não sòmente de doentes como de indivíduos normais e podemos resumir os resultados da seguinte forma:

a) As previsões quase não são afetadas pelo tempo; sua exatidão depende principalmente da natureza dos fatos preditos e do tipo mental de quem os prevê;

b) As previsões pessimistas referentes à saúde são mais confirmadas que as previsões otimistas;

c) As previsões referentes ao rendimento de trabalho tendem ser mais exatas que as que se referem ao prestígio social, à saúde ou à felicidade;

d) Trabalhando com neuróticos e psicopatas, encontramos que o temor parece ser a motivação dominante e torna-se extremamente difícil, para êles, formular uma previsão otimista no âmbito da sua vida íntima, mesmo quando prevejam com superioridade seus futuros comportamentos no mundo exterior.

Devido a tais contradições embaraçosas, decidimos estudar o problema sob um outro ângulo e de 1941 a 1943, dirigimos na Argentina, uma segunda série de experiências, utilizando o método de "erros supostos" nos diferentes tipos de testes. É impossível, aqui, entrar em minúcias; a grosso modo, três técnicas foram utilizadas: a primeira consiste em dar ao indivíduo um exemplo de cada tipo de questão de nosso teste de inteligência conhecido sob o nome de "Teste Barcelona". Depois de cinco minutos de leitura e reflexão a respeito dos nove exemplos pedimos-lhe para avaliar, de antemão, a percentagem de erros que pensa cometer, abordando as questões correspondentes a cada classe no teste. Imediatamente depois damos o teste da maneira habitual e comparamos sua previsão com a realidade. Na segunda técnica procede-se de modo inverso: dá-se de início o teste e depois pede-se ao indivíduo que avalie a percentagem de erros que pensa haver cometido em cada tipo de questão. Na terceira técnica, dá-se também de início o teste, mas a seguir, deixa-se que o indivíduo o corrija e descubra, calmamente, seus próprios erros; com um tal procedimento, acontecia freqüentemente, que o indivíduo descobria alguns de seus erros, mas de outro lado, transformava certas respostas exatas em erros. Em tôdas estas técnicas a exatidão das suposições e das dificuldades era muito variável, mas, dependia, estreitamente, do tipo de personalidade e do tipo de questão considerada.

Chegamos, assim à conclusão de que há certos setores do comportamento individual, nos quais o indivíduo é capaz de prever seu rendimento com uma exatidão razoável, e outros, nos quais sua previsão não corresponde aos fatos. Vimos, também, que a fôrça da convicção de certos indivíduos em sua predição é tão grande que discutem os fatos e apresentam razões para explicar a aparente discordância entre fatos e suas previsões.

Agora cumpre-nos elucidar um outro ponto: em que medida a fôrça da convicção está em correlação com a exatidão da previsão? Com êsse objetivo encetamos uma nova série de experiências assim concebidas: pede-se ao sujeito que repita a primeira técnica, com um teste alternativo mas em compensação pede-se-lhe que coloque um número para avaliar a intensidade de sua convicção, isto é: o grau de certeza subjetiva de sua previsão. Assim, se êle considera sua previsão como uma simples indicação, deve escrever o número 1; o número 2 deve ser utilizado para uma previsão considerada bastante correta; o número 3, se a considera suficientemente provável para ser confirmada pelos fatos; o número 4, se está absolutamente seguro e mesmo disposto a apostar sôbre êle; o número 5 se estiver absolutamente convencido que sua previsão corresponde exatamente ao seu rendimento subseqüente. É curioso que tenhamos encontrado 15% de indivíduos que utilizaram o número 5 para mais da metade de suas previsões, mostrando, dêste modo, que estavam absolutamente seguros da previsão de sua situação no teste; de outro lado 62% não o utilizaram e o restante utilizou-o en-

tre uma e quatro vêzes. Tal distribuição é, evidentemente, incomum e mostra que o traço estudado não é um traço contínuo e distribuído normalmente.

Tão logo utilizamos o coeficiente de Spearman, calculado sôbre oitenta casos, a correlação entre a certeza subjetiva e a exatidão objetiva da previsão, ficamos mais surpresos ainda, porque obtivemos um coeficiente insignificante 0,013, indicando, êste fato, aparentemente, que a convicção e a realização quase nada têm em comum. Mas, estudando os resultados individuais achamos que, em certo número de casos havia uma estreita relação entre essas duas variáveis, a despeito dos primeiros resultados. Isto significa, naturalmente, que o fraco valor da correlação dever-se-ia explicar pela mistura de, no mínimo, tipos de indivíduos dentro do grupo.

Com esta cogitação, pensamos em outra pesquisa com o fito de elucidar as causas de tal variabilidade, e, se possível, constatar os fatôres em jôgo. Passaram-se vários anos antes de podermos iniciar tais pesquisas. Queríamos possuir um número considerável de processos completos, a fim de obter tôdas as informações psicológicas, médicas, sociais e profissionais necessárias, de conformidade com as particularidades de cada seção do plano de pesquisa.

Felizmente, nos arquivos do Instituto de Psicologia Aplicada da Fundação Getúlio Vargas e da Clínica Paternoster, possuimos êsses dados, e, desde 1935, assim continuamos a maior parte das experiências que agora desejamos descrever e comentar.

Três grupos de indivíduos foram cuidadosamente selecionados, em função de seus traços de personalidade. A primeira amostra era composta de vinte e cinco indivíduos que, depois dos exames totais do Instituto, foram classificados normais, possuindo uma personalidade equilibrada; o segundo era composto de vinte e cinco paranóides; o terceiro de vinte e cinco neuróticos em tratamento psicoterápico. O que tornou mais difícil a seleção dêsses grupos foi que desejávamos sujeitos do mesmo sexo (homens), de idade média, de Q. I. normal e exercendo profissões liberais. Tais precauções eram necessárias para diminuir a influência das variáveis independentes nas nossas experiências. Projetamos submeter todos os indivíduos dos três grupos ao mesmo tipo de situação, testes e instruções, e esperamos que as diferenças de resultados pudessem estar em relação, não com as diferenças de aptidão, mas com as de personalidade e de método.

Começamos por aplicar nesses sujeitos, um teste de inteligência global, elaborado pelo Professor Otávio Martins, o DNE Teste, forma C. Êste teste comporta quatro partes: a primeira contém questões de vocabulário; a segunda consiste em séries numéricas; a terceira é composta de questões de informação geral; e a quarta é um "form-test", análogo ao teste de Ribakow. O tempo máximo concedido para o conjunto do teste foi 64 m, e obtivemos as seguintes notas: média 75 (setenta e cinco) pontos para o grupo 1 (paranóides) e desvio padrão 7,30; média 73 (setenta e três) pontos, desvio padrão 8,12 para o grupo 2 (normais); média 70 (setenta) pontos e desvio padrão 11,35 para o grupo 3 (neuróticos). É preciso acrescentar que a fôrça motivante utilizada para obter êsses resultados era fraca; dizíamos simplesmente aos indivíduos que queríamos estalonar o teste, e, pedíamos sua colaboração voluntária a

fim de aumentar o volume de nosso material estatístico. A experiência foi coletiva.

No dia seguinte, chamamos um por um dos sujeitos e lhes dissemos: "Queremos saber se você é capaz de reconhecer os erros que cometeu no teste, ontem. Reveja seu trabalho durante trinta minutos e escreva, nesta fôlha de papel o número de respostas que considera erradas; dê-nos, depois, a resposta correta e explique também porque pensa que errou; antes disso, porém, gostaríamos de saber sua opinião a respeito do teste e o seu estado de espírito durante a execução do mesmo. Escreva, por favor, todos os comentários que julgar úteis, para nós, para uma melhor compreensão das limitações do teste e de suas dificuldades."

Após uma semana chamamos outra vez, individualmente, os examinandos e lhes fizemos saber que apesar de sua revisão ainda deixaram escapar um certo número de erros em seu teste; tais erros foram indicados e a resposta exata foi-lhes dada. "Agora, está tudo em ordem — dissemos — mas gostaríamos de analisar os seus erros." Seguiu-se depois uma conversação amigável no curso da qual o psicologista fêz uma apreciação de sua inteligência e de sua classificação no teste. Evidentemente, dissemos que estava normalmente colocado no grupo, mas admitimos que êle seria capaz de obter melhor colocação se tivesse sido informado das dificuldades do teste e percebido o mecanismo dos erros. Em conseqüência lhe perguntamos se desejava outra ocasião para modificar sua classificação: sessenta de nossos candidatos responderam afirmativamente; treze recusaram e entre êstes havia oito paranóides, quatro neuróticos e um normal. Depois, uma segunda experiência foi feita com os sessenta e dois que se dispuseram a fazer a revisão, sendo-lhes, então, aplicada a forma paralela D do mesmo teste.

Esperávamos desta feita obter uma medida da influência que a mudança de previsão e de atitude pudesse produzir na execução já que a intensidade da aprendizagem é pràticamente nula. Desejávamos, também, correlacionar nossa suposição com a realidade. Tendo estado em contacto pessoal com cada indivíduo, tentamos prever como e quando seu resultado iria variar nesta segunda aplicação.

A análise estatística dos resultados ainda não está terminada, mas estamos aptos a anunciar certos resultados interessantes que confirmam a hipótese principal de nosso trabalho e que pode ser enunciada assim: *Os fatôres extrínsecos — em particular os de ordem conativa — podem influenciar o rendimento individual numa bateria de testes de aptidão, quase tanto quanto os fatôres que intervêm teòricamente em sua execução normal.*

A fim de confirmar essa tese, com dados numéricos, vejamos agora como as médias do teste foram modificadas na experiência, com sua forma alternativa; para o grupo de paranóides, o fato saliente foi a elevação do desvio padrão que passou de 7,3 para 13,4, quer dizer, a dissociação artificial do grupo. A nota média que era de 75 na primeira experiência, passou para 79. No grupo de normais, obtivemos um aumento significativo da média: de 73 para 84, com uma mudança insignificante do desvio padrão (8,12 para 8,93). Para o grupo de neuróticos, obtivemos também um aumento notável da média de 70 para 79, mas o desvio padrão também foi aumentado de 11,35 para 15. Tôdas essas diferen-

ças são significativas a partir de 1%. Quanto à classificação dos sujeitos no interior dos grupos comparada nas duas experiências mostrou também diferenças importantes, responsáveis pela queda do coeficiente de fidelidade. Em condições normais a autocorrelação do teste foi pràticamente idêntica à da existente entre as formas C e D e sempre obtiveram valores superiores a 0,90. Presentemente obtivemos com a fórmula Spearman a correlação de 0,44 para os paranóides, de 0,65 para os normais e de 0,51 para os neuróticos.

Se estudarmos os casos individuais em cada grupo, vemos a que ponto o processo experimental modificou o resultado: um dos paranóides tinha uma perda de 18 pontos na segunda aplicação, enquanto que um outro tinha um aumento de 23. Um neurótico foi absolutamente incapaz de reagir, quando retestado e perdeu 54 pontos. De fato podemos dizer que ao transformar-se a experiência de teste em experiência de aprendizagem e treinamento, de tal forma modificamos a situação e a atitude dos sujeitos, suas esperanças, seus receios, seus interêsses e suas ambições, que o reteste de fato se tornou uma prova absolutamente diferente para êles, embora, as condições aparentes e as instruções tenham sido as mesmas. Mas, se levarmos em consideração os fins práticos do método dos testes, estamos autorizados a nos perguntar: qual dessas duas notas é a mais representativa daquilo que o indivíduo realmente é, ou, em outros têrmos: qual dos dois resultados é o mais importante para prever sua capacidade de agir em seu trabalho e nas dificuldades da vida? Temos, aparentemente, perturbado a prova, permitindo aos sujeitos que a conheçam, ou, ao contrário, comparado a situação de teste às situações de trabalho e da vida real, nas quais os indivíduos têm sempre a possibilidade de aprender por experiência? Sabemos, naturalmente, desde que introduzimos o fator humano, por assim dizer, no método dos testes e, particularmente, no domínio da seleção, quebramos uma das regras sagradas de cada psicólogo: sua objetividade, sua neutralidade e sua impassibilidade, supostamente, necessárias a fim de colocar todos os sujeitos em condições semelhantes. Mas, é essa asserção realmente justificada pelos fatos? Se cada sujeito é "sui generis" não será necessário ter um ajustamento prévio dos estímulos extrínsecos às suas particularidades individuais a fim de colocá-los no mesmo plano que seus companheiros? Em vez de forçar o indivíduo de início a avançar, executando as instruções, não seria melhor adaptá-lo progressivamente ao teste, depois de lhe haver dado instruções? Todos os homens parecem semelhantes encerrados numa armadura, e diferem vestidos de sêda.

Pode ser, todavia, que o sucesso progressivo das técnicas da "engenharia humana", (Human Engineering), das relações públicas, da formação dos quadros administrativos no campo industrial, possa ser explicado pelo fato que elas constituem o meio têrmo entre o intimismo excessivo e o subjetivismo da psicanálise, e a demasiada frieza e o método pseudo objetivo do nosso trabalho experimental habitual.

Podemos citar aqui a advertência de um importante chefe de emprêsa do Rio que nos disse: "Eu não quero gênios, nem mesmo empregados brilhantes ou inteligentes, mas, sòmente, gente simples, homens medianos, os quais eu pos-

sa tornar amigos da emprêsa." Propôs encetarmos uma experiência que não ousamos abordar então: Todos os candidatos a um emprêgo seriam classificados pelo método habitual dos testes. Os melhores seriam empregados sem dificuldade; os piores seriam informados, que considerando suas notas, deveriam ser recusados, mas que uma possibilidade lhes era oferecida: seriam admitidos como empregados e conservados se os resultados do primeiro mês de trabalho fôssem equivalentes ao rendimento médio do grupo de concorrentes empregado.

Vêde pois que não é inútil discutir a influência que a previsão e a atitude podem exercer sôbre o rendimento mental. Cremos que devemos desenvolver novos métodos e novos acessos para resolver o problema prático que o mundo novo nos entrega para resolver, na qualidade de técnicos em Psicologia Aplicada. Problemas como aquêles abordados nesta exposição não podem ser resolvidos em nos apegando a nossos antigos métodos de trabalho, mesmo se êstes são confirmados pela excelente ajuda da análise fatorial ou da análise da variância. Sôbre êste ponto particular, estamos de acôrdo com o ponto de vista do Professor THOMPSON: os fatôres se encontram nos indivíduos e não nos depoimentos estatísticos.

Mas, antes de terminar nossa exposição, desejamos assinalar que a modificação proposta é igualmente justificada pelos recentes trabalhos experimentais do Professor JOSEPH NUTTIN abordando uma nova teoria do comportamento humano. Êste ilustre professor da Universidade de Louvain, no seu livro "Tâche, réussite et échec" (Tarefa, êxito e contratempo") (Publicações Louvain, 1953) apresenta êste parecer (página 423): *"As alterações, as mais importantes, da conduta humana, se situam ao nível da motivação mais que ao nível das formas de reação."* Se traduzirmos esta frase em nossa linguagem, podemos dizer que: o que é essencial para a psicologia aplicada não é tanto apresentar um bom material de teste ao indivíduo, *mas, de estar seguro que a situação de teste tenha a mesma significação e o mesmo efeito sôbre sua disposição de reação.* Para alcançar êste alvo, ao invés de *evitar* devemos *promover* as circunstâncias levando o sujeito a um processo peculiar de adaptação ao aprendizado e ao ajustamento de tal situação. Isto pode parecer chocante e algo perturbador, vindo de um psicólogo que possui mais de trinta e cinco anos de experiência de testes. Isto também é penoso para nós, mas é o que experimentamos a êsse respeito, e não adianta prefabricar soluções em nosso campo. Como o pobre menino que, procurando seu tio-avô, replicou calmamente ao estudante que lhe propôs consultar o "Who's Who" (Quem é quem): "Eu não preciso de Who's Who, desejo simplesmente saber "Where is he now"! (Onde está êle agora)."

SUMMARY

THE INFLUENCE OF ATTITUDE AND PREDICTION ON MENTAL TESTS PERFORMANCES.

In this article, the A. presents an analysis of the problem of the influence of attitude on mental tests performances. He states that the influence of attitude on performance changes can be empirically demonstrated in test and retest situations. After presenting a few studies on this subject (Keller's studies, Robaye and Nypelseer's

investigations on "level of aspiration", Eysenck's researches with groups of different personality types, etc.), he describes the techniques and results of his own investigations. On the basis of his studies, the A. concludes that: I) accuracy of prediction of performance, when one asks the individual to guess his percentage of errors, is rather variable; personality type and type of test item are significant factors influencing reliability of prediction; II) extrinsic factors may influence individual performance in a battery of aptitude tests, almost as much as the factors usually expected to. Several problems of test administration, test reliability, and practical applications of psychological tests, are connected with these and other findings.

Finally, the A. considers the opportunity of re-examining our present usage of aptitude tests, as regards both its practical and theoretical aspects.

RESUMÉ

L'INFLUENCE DE L'ATTITUDE ET LA PRÉVISION DANS LES RÉSULTATS DES TESTS MENTAUX.

Dans cet article l'auteur présente une analyse du problème de l'influence des attitudes dans les résultats des tests mentaux. Il émet l'opinion que l'influence des attitudes sur la variation des résultas peut être empiriquement démontrée par les situations de répétition de test. Après avoir présenté quelques études sur ce sujet (Etude de Keller, enquête de Robaye et Nypelseer sur le "niveau d'aspiration", les recherches d'Eysenck sur des groupes de personnalité de différents types) il décrit les techniques et les résultats de ses propres recherches. En se basant sur ses études l'A. conclut que: 1) L'acuité de l'évaluation des résultats, quand on demande au sujet de dire quel est son pourcentage d'erreurs, est assez variable: le type de personnalité et le test dont il s'agit sont des facteurs significatifs qui influencent l'exactitude de la prévision; II) des facteurs extrinsèques peuvent influencer les résultats individuels dans une batterie de test d'aptitude, presque autant que les facteurs dont on l'attend généralement.

Divers problémes d'administration, de validité et d'applications pratiques de testes psychologiques sont mis en rapport avec ces résultats et divers autres.

Divers problémes d'administration, de validité et d'applications pratiques de tests psychologiques sont mis en rapport avec ces résultats et divers autres.

Finalement l'auteur souligne l'intérêt qu'il y aurait á reconsidérer l'usage que l'on fait actuellement des tests d'aptitudes, tant du point de vue des aspects pratiques, comme du point de vue des aspects théoriques.